

A DINÂMICA SOCIOLINGÜÍSTICA DA APARENTE CONVERGÊNCIA

Shana POPLACK (Universidade de Ottawa)

*ABSTRACT: This paper examines quantitatively the notion of grammatical convergence as it applies to variability in mood choice in a community of French-English bilinguals residing along the Quebec-Ontario border. Though initial multivariate analysis yields results supporting the existence of contact-induced simplification, closer inspection of the data reveals that these results are epiphenomenal: they are due to the uneven distribution of data among linguistic and extralinguistic factors. Once the hidden factor of lexical distribution is factored out, it becomes possible to distinguish the true from the apparent effects. The putative interference feature is actually masking a prestige feature, systematically constrained by social class membership, but not participating in linguistic change, whether contact-induced or otherwise. This work has implications for practitioners of quantitative analysis in general, and for the empirical study of contact-induced change in particular.**

0. Introdução

A transferência de estrutura gramatical em situação de contato lingüístico tem sido uma questão controversa no quadro da Lingüística, sem que se tenha chegado a um consenso quanto à sua natureza, extensão, ou até mesmo, existência. As posições sobre o assunto variam de uma completa negação da possibilidade de uma gramática mista à afirmação de que qualquer traço lingüístico possa ser transferido de um sistema para outro, havendo neste meio um contínuo de posições intermediárias, como por exemplo as de que os empréstimos gramaticais só sejam possíveis entre sistemas muito semelhantes ou quando já correspondam às tendências de desenvolvimento da língua do falante (Appel & Muysken, 1987; Thomason & Kaufman, 1988).

Além do mais, assim como ocorre com outros fenômenos de contato lingüístico, ainda não há meios estruturados de se prever quais mudanças induzidas por contato ocorrerão e em quais circunstâncias. Como Thomason & Kaufman (ibid) mostraram, os estudos de propriedades estruturais de uma língua isolada não levam a uma teoria

preditiva de interferência linguística. Isso se deve ao fato de que a direção e a extensão da interferência, assim como os tipos de traços transferidos, são socialmente determinados. Interessante é notar que os estudos de contato linguístico, tradicionalmente um reduto da Linguística Histórica, até recentemente mereceram pouquíssima atenção da sociolinguística. O resultado é que muitos dos relatórios sobre as conseqüências de contato linguístico consistiam de observações isoladas de procedência incerta ou de listas de palavras emprestadas ou outros "desvios". Contudo, atualmente contamos com um número respeitável de estudos de caráter empírico sobre uma grande variedade de fenômenos linguísticos em diferentes tipos de contextos de bilingüismo, incluindo-se aqueles em processo de restrição de línguas minoritárias (Mougeon & Béniak, 1991), mudança (Silva-Corvalán, 1990; 1991a; 1991b), obsolescência e morte (Dorian, 1981; 1989). Muitos desses estudos, além de empréstimos lexicais, mostram também a alteração de mecanismos gramaticais na língua minoritária, mudanças que freqüentemente envolvem a perda de distinções inerentes a essa língua mas que diferem ou são ausentes da língua majoritária.

Entre os fatores sociais considerados relevantes para a mudança induzida por contato (Thomason & Kaufman, 1988; Weinreich, 1953) estão o prestígio das línguas em contato, a atitude do falante em relação às línguas, grau de bilingüismo, quantidade de "pressão cultural", além da intensidade e duração do contato, entre outros. Porém, o pré-requisito tradicional para o empréstimo estrutural, em linguística histórica, é o contato de longa duração com um bilingüismo muito difundido. A convergência será presumivelmente ainda mais provável de ocorrer se houver a presença de uma coleção de fatores sociais favoráveis.

Neste contexto, pode-se dizer que a situação do francês e do inglês no Canadá exemplifica o cenário clássico que promove o empréstimo estrutural. As línguas estão em contato há mais de dois séculos, e os francofonos de fora de Quebec vêm vagarosa, mas inexoravelmente, mudando em direção ao inglês - a língua tradicional dos negócios, administração, mídia e lazer. A atitude dos canadenses franceses em relação ao francês tem sido caracterizada, em várias pesquisas, como um demonstrativo de insegurança linguística, o que é considerado como um aumento à susceptibilidade de a língua minoritária mudar, induzida pelo contato. Os francofonos, em contraste

com os falantes do inglês, são massivamente bilingües tipicamente ativos que usam o francês regularmente para pelo menos alguns aspectos da comunicação cotidiana. Seu alto nível de bilingüismo reflete, em troca, o fator mais nebuloso de "pressão cultural" exercido sobre eles pelos anglofones que são política e numericamente dominantes. Assim, os francofones marcam positivamente todos os fatores que promovem até mesmo os empréstimos mais profundos.

A despeito de uma intensa mudança de código (*code switching*) (Poplack, 1987) e de empréstimos lexicais e assimilação de palavras-empréstimo integradas ao léxico (Poplack et al., 1988), em nosso trabalho sobre falantes do francês altamente bilingües da região de Ottawa-Hull não pudemos verificar a troca de estruturas gramaticais do francês por mecanismos mais próximos do inglês. Neste contexto, este artigo examina o uso corrente do modo subjuntivo no francês de Ottawa-Hull, um traço instigante para esse tipo de investigação, uma vez que há estudos mostrando seu desaparecimento em outras partes onde o francês canadense é falado (Laurier, 1989), assim como em situações de contato entre espanhol-inglês (García & Terrell, 1977; Lantolf, 1978; Ocampo, 1990).

1. O contato francês-inglês ao longo da fronteira Quebec-Ontario

Focalizamos aqui as cidades de Ottawa, Ontario e Hull, Quebec que, juntas, formam a região da capital nacional do Canadá. O complexo urbano Ottawa/Hull é dividido pelo rio Ottawa - simultaneamente uma fronteira provincial, geográfica e lingüística, tornando a área um laboratório ideal para o estudo sincrônico de mudanças induzidas por contato: no lado de Quebec, francês é a língua majoritária, enquanto que, no lado de Ontario, tem um estatuto de língua minoritária. Há vários anos atrás, iniciamos um estudo empírico em larga escala das cinco principais regiões francofones nos dois lados da fronteira, cada uma delas com uma proporção diferente de anglofones, a fim de se investigar empiricamente a relação entre estatuto minoritário e influência interlingüística. Os procedimentos de amostragem e de construção do *corpus* estão descritos em Poplack (1989). Para os propósitos desta discussão, é importante mencionar que os 120 informantes francofones selecionados ao acaso, constituindo nossa amostragem, foram estratificados de acordo com os fatores extralingüísticos padrão e, desde então, têm sido classificados segundo

outros fatores mais diretamente relacionados a questões de contato. Os dois que nos dizem respeito aqui são: habilidade bilingüe em nível individual - medida por um índice de proficiência em inglês, e intensidade do contato em nível comunitário - medida pelo fator de região da residência. (1) A hipótese em relação a esses fatores é que o controle da gramática da língua minoritária seja inversamente correlacionado ao grau de bilingüismo em nível individual e à exposição à língua majoritária em nível comunitário. Embora os indivíduos em nossa amostragem tenham graus de proficiência em inglês que variam de "baixo" a "alto" e residam em regiões cuja proporção de anglofones varie, é importante notar que não se pode afirmar que seu francês seja "restrito" no sentido, por exemplo, dos falantes de francês de Ontario estudados por Mougeon & Beniak (1991). Na realidade, habilidade nativa em francês foi um pré-requisito para a inclusão na amostragem. Até onde sabemos, nenhuma das regiões estudadas está, também, em processo de mudança ou perda lingüística. O caráter "bilingüe" desses falantes, como usuários regulares de ambas as línguas em interações cotidianas e como membros de comunidades bilingües estáveis, é talvez o que mais os distingue de outras comunidades que estão sendo estudadas sob este aspecto por outros pesquisadores de línguas em contato. Portanto, embora o francês possa ser considerado como língua "minoritária" por alguns desses falantes em termos numéricos ou de prestígio nacional, ou até local, não é necessariamente uma língua minoritária em termos de uso.

Foram realizadas entrevistas "sociolingüísticas" informais com cada um dos informantes por membros dos grupos locais, totalizando cerca de 240 horas, ou 3,5 milhões de palavras, de discurso bilingüe natural (e de caráter vernáculo). O *Corpus* contém inúmeras instâncias de empréstimos lexicais e de mudança de código (*Switching*), além de manifestações de outros fenômenos de línguas em contato. Como parte de nossa pesquisa em andamento, estamos tentando avaliar a existência de mudança induzida por contato em vários níveis da estrutura lingüística.

2. O subjuntivo em francês: um candidato para a mudança induzida por contato?

No nível sintático, um dos fenômenos observados é a coexistência do modo indicativo e do condicional com o subjuntivo em contextos de

"seleção de subjuntivo", como ilustrado em (1):

(1)(a) J'espère qu'ils *soient* (S) pas trop ingrats que je pense qu'il y en a beaucoup qui sont ingrats aujourd'hui. (015/887) (2)

"Eu espero que eles não sejam tão ingratos, porque eu acho que há muitos ingratos hoje em dia."

(b) Mais j'espère que je *serais* (C) capable de passer à travers. (111/1616)

"Mas eu espero que eu seria capaz de ir até o fim."

(c) Mais j'espère que l'Église *est* (I) pas contre moi pour ça. (053/1525)

"Mas eu espero que a Igreja não use isso contra mim."

Uma consulta a gramáticas prescritivas revela, meio contraditoriamente, que: 1) o subjuntivo deve ser selecionado quando o falante desejar transmitir noções de incerteza, dúvida ou irrealidade, e 2) há uma classe particular de verbos principais que subcategorizam o subjuntivo na oração encaixada. No *Corpus* francês de Ottawa-Hull, encontramos, ao contrário, o subjuntivo, indicativo e condicional encaixados sob o mesmo verbo da oração principal, com o mesmo tempo, às vezes pelo mesmo falante, até em casos em que ele repete a mesma coisa ao mesmo interlocutor, como em (2):

(2)(a) Mais j'aimerais qu'elle *soit* (S) plus ouverte, mais on dirait qu'en vieillissant sont plus gênés. (040/1021)

"Mas eu gostaria que ele fosse mais aberta, mas parece que à medida que envelhecem, ficam mais tímidos."

(b) Je trouve qu'en vieillissant tu sais, j'aimerais qu'elle *serait* (C) plus proche. (040/1032)

"Eu acho que à medida que ela envelhece, você sabe, eu gostaria que ela se tornasse mais próxima."

(c) Fallait qu'elle *répond* (I) "oui, tu peux faire trois pas de géant". Fallait qu'elle *réponde* (S) la phrase complète.

(025/2186)

"Ela teve que dizer "sim, você pode dar três passos gigantescos". Ela teve que dizer a oração toda."

Confrontados com tais dados em uma situação de línguas em contato, a tendência é inferir-se que estamos diante de mudança induzida por contato, mais especificamente, convergência, que Silva-

Corvalán define, apoiada em Gumperz & Wilson (1971), como o "alcance de uma semelhança estrutural em um dado aspecto da gramática de duas ou mais línguas tidas como diferentes no início do contato". Diferentemente do empréstimo lexical, a convergência não envolve qualquer material visível da outra língua. Na realidade, a convergência não precisa envolver qualquer transferência: pode simplesmente consistir, como observou Klein (1980), da seleção e favorecimento de uma entre duas (ou mais) formas já existentes na língua nativa que coincida com sua forma equivalente na língua de contato. Nesse sentido, como o inglês já não faz mais uso produtivo do subjuntivo, a alternância observada entre o subjuntivo, o indicativo e o condicional poderia ser interpretada como uma mudança gradual, implementada pelos falantes do francês de um modo que já não encontra equivalência no inglês por uma forma de tempo/modo já existente - o indicativo - que espelha uma forma encontrada na língua dominante/majoritária. Uma outra forma de olhar para esta questão é em termos do que Mougeon & Beniak (1991:11) chamam de "interferência velada": um traço da língua minoritária sofre um declínio gradual, e eventual perda, por não ter um equivalente interlingüístico na língua majoritária... Esta seria uma forma de interferência que não resulta na emergência de inovações, mas simplesmente causa um impacto na freqüência de uso do traço da língua minoritária. Dito de outra forma, se os falantes não fossem mais capazes de empregar o dispositivo de seleção de modo para transmitir nuances de dúvida e asserção, como as gramáticas afirmam que deveriam, este também seria o tipo de mudança conhecido como simplificação. De fato, Silva-Corvalán sugere que "a simplificação e a perda ... afetam primeiro aquelas formas usadas em contextos mais hipotéticos ou menos assertivos, i.e. formas condicionais e subjuntivas" (1990:166).

Porém, para que a variação de modo seja considerada como convergência, deve-se estabelecer: 1) que a mudança não tenha de fato ocorrido, isto é, que em estágios anteriores ao contato, assim como em variantes irmãs que não estejam em contato próximo, tal alternância não se tenha dado, ou pelo menos não se tenha dado na proporção quantitativa já observada; e 2) que tal mudança, caso haja uma, deve-se, senão totalmente, pelo menos em parte, ao contato com outra língua, ou seja, não é uma mudança internamente motivada.

Os estudos contemporâneos de sociolinguística variacionista

tendem a realizar esse tipo de demonstração incorporando em sua análise alguns fatores sociais que representem o eixo de contato, tais como habilidades bilíngües distintas ou idades diferentes de chegada à região onde a língua dominante é falada. Também se pode incluir uma dimensão de tempo aparente baseada em grupos etários ou "gerações". Com o auxílio da análise quantitativa torna-se possível testar se o item ou estrutura supostamente convergente ou interferente está estatisticamente associado a um certo sub-grupo da população: tipicamente os mais jovens e/ou com mais habilidades bilíngües ou grupos que usam majoritariamente a língua dominante. Com base nisso, Laurier (1989) concluiu, através de dados muito próximos àqueles em (1), que estava ocorrendo uma mudança sintática induzida por contato, em que seus informantes franco-Ontarianos falantes predominantemente do inglês (membros da amostragem de Mougeon & Beniak (1991)) estariam "perdendo" a distinção de modo no francês quando comparados aos falantes predominantemente do francês em sua amostragem, assim como aqueles que ele qualificou como "bilíngües", que não ficavam atrás. Ocampo (1990) estudou a distribuição do uso de modo entre bilíngües de espanhol-inglês em Los Angeles (membros da amostragem de Silva-Corvalán) e também concluiu que a tendência caminhava em direção à perda do subjuntivo. Ele ainda afirma que as taxas mais altas de ausência do subjuntivo entre a terceira geração em contextos opcionais é evidência de que este modo perdeu seus traços semânticos, um tipo de "mudança" (induzida por contato) que ele classifica como "simplificação" (p. 45). Da mesma forma, Silva-Corvalán (1990; 1991a; 1991b) observou que muitos traços gramaticais inovadores em espanhol 'chicano' estavam aumentando entre os bilíngües de predominância do inglês em sua amostragem.

A análise multivariacional do papel dos fatores sociais no uso do subjuntivo entre francofonos da região de Ottawa-Hull (Tabela 1) também revela exatamente esse tipo de resultado.

Tabela 1. Análise de regra variável da contribuição dos fatores sociais para a escolha do modo subjuntivo em encaixadas. (3)
Média corrigida: .715

	Sexo	Idade	Residência	Proficiência em inglês
Female	0,52	45-54 ,55	Vieux Hull (Q) ,57	Médio- Baixo ,54
Male	,46	15-24 ,52	Vanier ,50	Baixo ,53
		25-34 ,50	Basse- Ville ,50	Alto ,42
		65+ ,48	Mont- Bleu (Q) ,43	
		35-44 ,44		

Fatores não selecionados: classe socioeconômica, nível de escolaridade.

A Tabela 1 mostra uma análise de regra variável da contribuição de fatores extralingüísticos quanto à probabilidade de que o subjuntivo seja usado em orações encaixadas com verbos que selecionam subjuntivos na principal. Aparentemente quatro fatores são relevantes, embora freqüentemente contraditórios. Em primeiro lugar, há um efeito pequeno, porém regular, do fator sexo, com as mulheres favorecendo o uso do subjuntivo, um resultado não surpreendente dada a tendência amplamente observada das mulheres em relação a um comportamento lingüisticamente conservador. A idade do falante também contribui com um efeito estatisticamente significativo, embora a distribuição dos grupos etários não indique uma mudança em progresso em direção ao uso do indicativo, nem em relação a nenhum outro padrão que já se possa delinear. Da mesma forma, a região de residência - que pode ser entendida como uma medida informal da intensidade de contato no nível comunitário - também parece significante; contudo, novamente, não na direção prevista de uma mudança induzida por contato. Ao invés disso, Vieux Hull - uma região de trabalhadores em Quebec - inexplicavelmente apresenta a maior probabilidade de uso do subjuntivo (.57), enquanto que Mont-Bleu - uma região de classe média-alta em Quebec - apresenta a mais baixa (.43). Este resultado vai contra o que se poderia esperar desta variável tanto em relação à classe social, quanto ao prestígio do francês na região de residência. O fator de proficiência em inglês, interpretável como uma medida da habilidade bilingüe no nível

individual, apresenta um padrão muito mais claro. Os falantes com o menor conhecimento da língua de contato - aqueles com "baixo" e "médio-baixo" - são precisamente os que apresentam a maior probabilidade de uso do subjuntivo, enquanto que aqueles com maior conhecimento de inglês tendem a usá-lo menos. Este resultado seria o previsto caso o contato com o inglês estivesse causando a perda do subjuntivo em francês. Foi exatamente esse tipo de resultado que levou os autores citados acima a inferirem que estava ocorrendo uma transferência gramatical.

Seria razoável concluir-se que ocorreria convergência com base em dados como os da Tabela 1? Como uma primeira observação, gostaríamos que todos os fatores apontassem na mesma direção antes de se proclamar a convergência. O fato de apenas a proficiência em inglês estar negativamente correlacionada ao uso do subjuntivo, enquanto que os demais fatores de mudança induzida por contato, faixa etária e região de residência, mostram tendências diferentes e até opostas, é um sinal de que os padrões observados possam estar mascarando outros efeitos, talvez de fatores que nem pareçam significantes. Voltaremos a essa questão posteriormente.

A possível relação entre os resultados da Tabela 1 e a inferência quanto à convergência também levanta questões quanto à sua causa. Se, por um lado, o argumento de Thomason & Kaufman (1988) de que os fatores sociais sejam primordiais para se determinar a existência e o grau de convergência pareça suficientemente convincente, por outro, os autores não descartam a possibilidade de uma causa múltipla. Há que se determinar se suplantariam outras causas, de ordem puramente interna. Assim, uma interpretação definitiva dos padrões da Tabela 1 deve ser reservada para quando se conhecerem os condicionamentos internos do uso do modo. No caso que estamos investigando, gostaríamos de verificar: 1) se o subjuntivo é de fato usado para transmitir nuances de significado, como colocado em muitas gramáticas prescritivas; 2) se se pode mostrar que a escolha do modo seja regularmente condicionada por traços do contexto lingüístico, ou se as diferentes formas de tempo/modo aparecem aleatoriamente encaixadas sob diferentes verbos das orações principais, como se poderia esperar se a regra estiver sendo perdida; e, finalmente, 3) se há quaisquer precursores históricos ou não de contato para a variação sincrônica observada no contexto bilingüe.

Poplack (1992) explora essas questões detalhadamente. Os resultados de um grande estudo sobre escolha de modo, realizado com o mesmo *Corpus*, revelou que todos os verbos principais que selecionam subjuntivo, mesmo os de frequência moderada, apresentavam variação. Descobriu-se que essa variação estava condicionada, não por diferenças semânticas, mas por fatores de natureza puramente morfossintática. Além disso, os padrões contemporâneos são provavelmente um reflexo de uma variação estável de longo termo ocorrendo através da história da língua francesa, sendo difícil de caracterizá-los como resultantes de *mudança*. Como, então, se pode explicar o resultado da Tabela 1, em que falantes francófonos com maior proficiência em inglês são os que menos usam o subjuntivo?

3. O condicionamento social da escolha de modo

Um problema pouco explorado em análise quantitativa é que efeitos quantitativos aparentes de fatores sociais podem ser artefatos de diferenças em outros níveis. Um indivíduo codificado como do sexo feminino, por exemplo, também pertencerá simultaneamente a um certo grupo etário, classe socioeconômica, nível de escolaridade, etc. Se, em função de uma má distribuição dos dados em um *Corpus* particular, acontecer de a maioria das mulheres também possuírem o terceiro grau completo e o nível de escolaridade não ter sido levado em consideração na análise, então um traço que aparentemente está sendo promovido pelo sexo feminino pode, na realidade, dever-se ao alto nível de educação. De forma semelhante, alguns estudos anteriores mostraram que efeitos quantitativos nos níveis sintático, morfológico e fonológico às vezes são artefatos de diferenças no nível lexical. Se falantes de dois grupos mostram quantitativamente preferências distintas por dois itens lexicais, e estes itens se comportam diferentemente com relação a alguma variável lingüística, o resultado surgirá como uma diferença entre os dois grupos com respeito àquela variável, caso não se tome o cuidado de fatorar o efeito lexical.

Poplack (1992) observou uma enorme associação entre o verbo da principal *falloir* (dever, ter que), representando 62% de todos os verbos empregados, e o uso do subjuntivo. Em condições reais, a distribuição dos verbos principais que selecionam subjuntivo é bem mais assimétrica, como se pode ver na Tabela 2: (4)

Tabela 2. Distribuição dos verbos da matriz em categorias de frequência no texto e propensão à seleção do modo subjuntivo

		%S	%DATA
freqüência alta, subjuntivo alto			
FALLOIR	"dever"	89	62
VOULOIR	"querer"	91	11
AIMER	"gostar"	67	
freqüência alta, subjuntivo baixo			
CROIRE (neg)	"não acreditar"	13	15
PENSER (neg)	"não pensar"	14	
ADMETTRE	"admitir"	9	
AVOIR L'AIR	"parecer"	0	
ESPÉRER	"esperar"	21	
freqüência baixa, subjuntivo variável			
todos os demais verbos da matriz			12

Uma porcentagem adicional de 11% dos verbos da matriz é realizada por *vouloir* (querer) e *aimer* (gostar), ambos também altamente associados ao uso do subjuntivo com 91% e 67%, respectivamente. Ainda uma outra classe de verbos, incluindo *croire* (acreditar) e *penser* (pensar) na negativa, ocorre com frequência, porém, raramente seleciona o subjuntivo. A distribuição de verbos da matriz que "selecionam subjuntivo", associada a diferentes taxas de uso do modo subjuntivo, pode variar bastante nos vários subgrupos de falantes que compõem a amostragem. Para que se possa verificar se esta é uma explicação razoável para os padrões exibidos na Tabela 1, é necessário que se leve em consideração o fator lexical durante a análise estatística.

3.1. O efeito lexical na distribuição social

Nas Tabelas de 3 a 6 podemos observar o cruzamento de uso da classe verbal por categoria social.

Tabela 3. Distribuição das classes de verbos da matriz que selecionam subjuntivo de acordo com o sexo.

	Femea	Macho
	%	%
FALLOIR	62	58
VOULOIR/AIMER	15	10
freqüência alta/S baixo	12	19
freqüência baixa /S variável	12	13
TOTAIS	1747	1044

A Tabela 3 mostra que verbos de alta freqüência e escolha alta de subjuntivo - *falloir*, *vouloir* e *aimer* - são claramente mais usados por mulheres do que por homens. Verifica-se o oposto para verbos de alta freqüência, porém com baixa escolha do subjuntivo, representando 19% dos dados para os homens. Talvez isso explique o fato de que os homens pareçam usar menos subjuntivo na análise global (Tabela 1).

Tabela 4. Distribuição das classes de verbos da matriz que selecionam subjuntivo de acordo com a idade.

	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
	%	%	%	%	%	%
FALLOIR	61	58	59	63	63	58
VOULOIR/AIMER	10	12	13	12	14	18
freqüência alta/S baixo	19	13	18	12	13	12
freqüência baixa /S variável	10	16	09	12	11	13
TOTAIS	467	491	541	443	443	406

Para fins de comparação, examinamos agora a idade. A Tabela 4 indica que os três grupos mais velhos usam os verbos de freqüência mais alta com seleção alta de subjuntivo, a despeito do fato de que os falantes com mais de 65 anos terem aparecido próximos do limite inferior no fator etário na análise de regra variável da Tabela 1. Da mesma forma, o grupo mais jovem aparece aqui usando a maior proporção de verbos de alta freqüência com seleção baixa de subjuntivo (19%), embora tenha apresentado uma taxa relativamente favorável ao uso do subjuntivo na análise de regra variável. Verificamos, assim, que a distribuição dos tipos de verbo não explica o fator etário como parece explicar para o fator sexo. No caso da proficiência em inglês, contudo, a distribuição dos verbos pode ter um papel importante.

Tabela 5. Distribuição das classes de verbos da matriz que selecionam subjuntivo de acordo com a proficiência em inglês.

	baixa	média-baixa	média-alta	alta
	%	%	%	%
FALLOIR	59	60	63	60
VOULOIR/AIMER	17	12	11	9
freqüência alta/S baixo	14	16	12	20
freqüência baixa /S variável	10	12	14	11
TOTAIS	870	792	691	438

A Tabela 5 mostra que os informantes com proficiência em inglês relativamente baixa usam praticamente o dobro de verbos de alta freqüência com alta escolha do subjuntivo - *vouloir* e *aimer* - do que os falantes com maior proficiência (17% contra 9%), enquanto esses usam muito mais verbos com alta freqüência, porém com baixa seleção do subjuntivo. Isso pode oferecer uma explicação parcial para o efeito da habilidade bilingüe observado na Tabela 1. Entretanto, *vouloir* e *aimer* representam apenas 11% dos dados, não se observando nenhuma diferença real entre os grupos de proficiência quanto ao uso de *falloir* - o verbo da matriz mais freqüente. Destarte, a interpretação do efeito do bilingüismo no nível individual não fica tão clara quanto o era para o fator sexo.

Tabela 6. Distribuição das classes de verbos da matriz que selecionam subjuntivo de acordo com a região de residência.

	Ottawa, Ontario			Hull, Quebec	
	Vanier	Basse-Ville	West End	Vieux Hull	Mont-Bleu
	%	%	%	%	%
FALLOIR	59	61	67	61	53
VOULOIR/AIMER	11	13	11	16	13
freqüência alta/S baixo	18	13	14	12	18
freqüência baixa /S variável	12	13	8	10	16
TOTAIS	411	661	583	588	548

A distribuição dos verbos de acordo com a residência oferece uma explicação clara para a taxa surpreendentemente baixa de uso do

subjuntivo pelos francófonos de classe média-alta da região de Mont-Bleu observada na Tabela 1, especialmente quando comparada à região adjacente de classe trabalhadora de Vieux Hull em Quebec e à região de West End em Ottawa, de fala predominantemente inglesa, ambas favorecendo o subjuntivo na análise de regra variável. Esse resultado é contra-intuitivo, mas pode ser explicado agora pelas altas taxas de uso de *falloir*, *vouloir* e *aimer* nas duas últimas regiões discutidas acima, quando comparado à taxa desproporcionalmente menor de uso de tais verbos na região de Mont-Bleu. Mont-Bleu apresenta a proporção mais alta de verbos na matriz que selecionam taxas variáveis ou baixas de subjuntivo, talvez apontando para um uso mais diversificado de vocabulário, normalmente associado a falantes de classe média. Nem nível de escolaridade, nem classe social foram selecionados como fatores significantes para a escolha de modo na análise global.

Parece ter ficado evidente, assim, que os resultados da análise de regra variável da Tabela 1 se devem, até certo ponto, aos confusos efeitos da distribuição desigual da população de verbos na oração matriz.

3.2. Fatorando o efeito lexical

Para confirmar essas impressões, rodamos novamente a análise de regra variável quatro vezes, cada vez usando apenas uma classe de verbos da matriz para que não pudesse haver nenhum efeito da distribuição nos fatores sociais. Como havíamos previsto, sexo e região de residência não foram mais selecionados como significantes. Também previsto, fora o fator idade, selecionado como significante, embora seus resultados tenham sido diferentes a cada análise. Assim, embora selecionado, o efeito desse fator não pode ser interpretado como um indicativo de mudança em progresso, graduação etária ou qualquer outra tendência sistemática. E antes um simples artefato da amostragem original dos falantes, como ficou confirmado nas quatro análises.

O mais importante são as mudanças com relação à proficiência em inglês e classe social nas novas análises.

Tabela 7. Análise de regra variável da contribuição do fator proficiência em inglês à escolha do modo subjuntivo em verbos encaixados sob quatro classes de verbos da matriz. (6)

verbos encaixados sob:	proficiência em inglês			
	baixa	média-baixa	média-alta	alta
FALLOIR frequência alta/S alto	,55	,58	,40	,42
VOULOIR/AIMER frequência alta/verbos de baixo S	,46	,58	,42	,60
frequência baixa/verbos de S variável	,68	,47	,49	,31
	,34	,60	,61	,39

A Tabela 7 mostra que o fator de proficiência em inglês continua sendo selecionado como significativo para todas as classes de verbos da matriz, contudo, a comparação dos pesos do fator nos quatro níveis de proficiência não revela nenhuma tendência sistemática. O nível de proficiência que mais favorece o subjuntivo difere para cada classe. *Falloir*, *vouloir* e *aimer* ocorrem freqüentemente e apresentam uma alta probabilidade de selecionarem o subjuntivo; entretanto, no caso do primeiro verbo, os falantes com proficiência média-baixa usam mais subjuntivo, enquanto que, com o segundo verbo, isso acontece com aqueles falantes de maior proficiência em inglês. Igualmente, sob verbos de alta freqüência que selecionam baixas taxas de subjuntivo, os falantes com pouca proficiência são os que mais usam o modo subjuntivo. No caso dos verbos de baixa freqüência com seleção variável de subjuntivo, são os falantes de proficiência média-alta que lideram. O padrão representado por esses resultados, se é que há um, ainda não pode ser interpretado. Por enquanto basta notar a observação negativa de que uma maior proficiência em inglês não revela nenhuma evidência de estar associada à perda ou diminuição do uso do subjuntivo.

Por outro lado, a classe socioeconômica, que não havia sido previamente considerada significativa pela análise global original, é agora selecionada em duas das quatro análises em que o efeito lexical é fatorado (Tabela 8).

Tabela 8. Análise de regra variável da contribuição do fator classe socioeconômica à escolha do modo subjuntivo em verbos encaixados sob quatro classes de verbos da matriz.

verbos encaixados sob:		proficiência em inglês			
		mão de obra não especializada	mão de obra especializada	profissionais liberais	outros profissionais
FALLOIR	freqüência alta/S alto	,45	,53	,47	,69
VOULOIR/AIMER	freqüência alta/verbos de baixo S	,36	,62	,64	,52
	freqüência baixa/verbos de S variável	,56	,47	,42	,58
		,50	,51	,42	,68

A comparação dos pesos do fator para os quatro agrupamentos socioeconômicos revela que "outros profissionais" - a categoria mais alta - favorece o uso do subjuntivo em três das quatro análises, enquanto que "mão-de-obra não especializada" contribui com as probabilidades mais baixas ou a segunda mais baixa em três análises.

Vemos que uma explicação para a propensão de uso do subjuntivo com base no fator classe social parece ser a única sistematicamente apoiada pelos dados quando se considera a distribuição dos verbos da matriz. O contato com o inglês, no nível comunitário - representado pelo fator residência - ou no nível individual - representado pelo fator proficiência - parece não ter um papel consistente, assim como a idade, a despeito do fato de os últimos dois fatores terem sido selecionados como significantes, uma vez que não se pode apontar nenhuma tendência em todas ou, pelo menos, na maioria das análises em separado das classes verbais.

4. O uso do subjuntivo sob matrizes não-verbais

Além das orações substantivas encaixadas discutidas em seções anteriores, alguns outros contextos exigem o modo subjuntivo de acordo com fontes prescritivas, incluindo orações adverbiais e adjetivas regidas por uma série de conjunções e por expressões temporais, causais, concessivas, comparativas, circunstanciais, de finalidade ou

outras impessoais; como ilustrado em (3).

(3)(a) *Moi-même, je serais craintive de sortir sur la rue à moins que je serais (C) en auto. (019/1768)*

"Até eu teria medo de sair à rua ao menos que eu estivesse de carro."

(b) *On les évite à moins que ça soit (S) de l'urgence. (019/324)*

"Nós os evitamos a não ser que seja uma emergência."

(c) *A moins tu es (I) pas une buveuse de lait. (063/2460)*

"A não ser que você seja um bebedor de leite."

Tabela 9. Distribuição de matrizes não-verbais por categorias de frequência no texto e propensão à seleção do modo subjuntivo.

		%S	%DATA
freqüência alta, subjuntivo alto			
Avant (que)	"antes"	91	9
Mais que	"assim que"	89	7
Pour (que)	"de forma que"	96	12
freqüência alta, subjuntivo baixo			
Le premier (que)	"o primeiro"	1	6
Le seul (que)	"o único"	1	13
Malgré (que)	"a despeito de"	1	11
être rare (que)	"é raro que"	0	6
freqüência baixa, subjuntivo variável			
todos os outros			36

A Tabela 9 indica que a distribuição de matrizes não-verbais, assim como a distribuição de escolha do modo por essas categorias, é altamente assimétrica. Três desses elementos altamente associados ao subjuntivo - *avant que*, *mais que* e *pour que* - também são bastante frequentes, totalizando sozinhos quase um terço dos dados. Uma outra classe de matrizes, incluindo os superlativos *le premier (que)* e *le seul (que)*, além da conjunção concessiva *malgré (que)* e da expressão impessoal *être rare que*, constitui mais do que o outro terço dos dados, selecionando o subjuntivo muito raramente, quando o seleciona. As demais matrizes completam o outro terço dos dados, ocorrendo com pouca frequência e selecionando ou não o subjuntivo.

Passamos a examinar a contribuição dos fatores sociais para a escolha do modo subjuntivo com verbos encaixados sob essas matrizes não-verbais.

Tabela 10. Análise de regra variável da contribuição dos fatores sociais para a escolha do modo subjuntivo sob matrizes não-verbais. Média corrigida: .46

Idade		Região de Residência	
45-54	,55	Quebec	Vieux Hull ,59
55-64	,54		Mont-Bleu ,53
65+	,54		
15-24	,49		West End ,51
35-44	,45	Ontario	Basse-Ville ,44
25-34	,44		Vanier ,43

Fatores não selecionados: sexo, nível de escolaridade, classe socioeconômica, proficiência em inglês.

A análise de regra variável depreendida pela Tabela 10 mostra que apenas dois fatores foram selecionados como relevantes, dada a probabilidade de que o subjuntivo seja selecionado sob matrizes não-verbais: a idade do falante e a região de residência. Embora fique mais claro aqui do que na análise das matrizes verbais (Tabela 1) que os falantes mais velhos empregam mais subjuntivo do que os mais jovens, a mesma distribuição curvilínea dos grupos etários é aparente, revelando que falantes de meia idade usam menos subjuntivo do que os mais novos. Igualmente, embora os resultados do fator de residência indiquem que se prefere o subjuntivo em Quebec, como se poderia prever em uma teoria da convergência, novamente notamos o mesmo resultado contra-intuitivo observado anteriormente, em que a região de trabalhadores de Vieux Hull favorece mais o subjuntivo do que sua equivalente de classe média-alta em Quebec - Mont-Bleu. Esta última mostra uma taxa de uso do subjuntivo semelhante à da classe trabalhadora e predominantemente anglofone da região de West End em Ottawa, onde o francês é uma língua minoritária. Para verificar se a distribuição dos "seletores" de subjuntivo era a responsável por esses resultados, como sugerem os dados da Tabela 9 e como se observou ser o caso para os verbos de orações matrizes discutidos anteriormente, repetimos os cálculos das Tabelas 3 a 6, desta vez cruzando classes de matrizes não-verbais com categoria social. Resumidamente, descobriu-

se que os três grupos etários mais velhos apresentam mais elementos de freqüências altas com alta taxa de subjuntivo e menos elementos de freqüência alta com baixas taxas de subjuntivo, explicando, pelo menos aparentemente, sua contribuição na análise de regra variável da Tabela 10. Da mesma forma, falantes que residem tanto em Vieux Hull (Quebec), quanto em West End (Ottawa), empregam mais elementos de alta freqüência com alta taxa de subjuntivo, explicando, pois, suas probabilidades comparativamente elevadas de ,59 e ,51, respectivamente. O mais interessante é notar que os falantes de classe média-alta de Mont-Bleu utilizam-se mais de elementos de alta freqüência com baixa taxa de subjuntivo no contexto não-verbal, exatamente como ocorria com os verbos. Isso sugere que sua propensão ao uso do subjuntivo, depreendida pela Tabela 10, deve-se a uma real preferência por esse modo, até mesmo com matrizes estatisticamente não associadas a ele. Esse resultado é respaldado pelo efeito de classe social observado anteriormente com as matrizes verbais. (7)

Como fizemos anteriormente, fatoramos o efeito lexical das matrizes refazendo a análise da regra variável, incluindo primeiro apenas alta freqüência e subjuntivo alto e, depois, baixa freqüência e subjuntivo variável. (8)

Tabela 11. Análise de regra variável da contribuição dos fatores sociais para a escolha do modo subjuntivo sob matrizes não-verbais de alta freqüência e subjuntivo alto.
Média corrigida: ,92

Idade		Classe socioeconômica	
55-64	,73	outros profissionais	,74
65+	,55	profissionais liberais	,55
45-54	,52	mão-de-obra não qualificada	,49
15-24	,45	mão-de-obra qualificada	,35
35-44	,28		

Fatores não selecionados: sexo, nível de escolaridade, proficiência em inglês, região de residência.

A Tabela acima mostra que, no que concerne à alta freqüência e subjuntivo alto, o fator idade permaneceu como significativo, como se previa; porém, o fator região de residência foi trocado pelo fator classe socioeconômica, como suspeitávamos. Novamente, "outros

profissionais", a classe ocupacional de maior distinção, favorece o modo subjuntivo mais do que qualquer outro grupo.

No que diz respeito à frequência baixa e subjuntivo variável, a Tabela 12 abaixo mostra que dois fatores foram selecionados além de idade e classe social: região de residência e proficiência em inglês.

Tabela 12. Análise de regra variável da contribuição dos fatores sociais para a escolha do modo subjuntivo sob matrizes não-verbais com frequência baixa e subjuntivo variável.
Média corrigida: .49

Idade		Classe sócio econômica		Proficiência em inglês		Residência	
15-24	,70	outros prof.	,67	alta	,76	Mont-Bleu	,72
45-54	,56	mão de obra qualif.	,57	média -alta	,58	Quebec	,63
35-34	,51	mão de obra não qualif.	,51	baixa	,49		
65+	,48	prof. liberais	,33	média -baixa	,35	Basse-Ville	,45
55-64	,38					Ontario West End	,35
35-44	,30					Vanier	,25

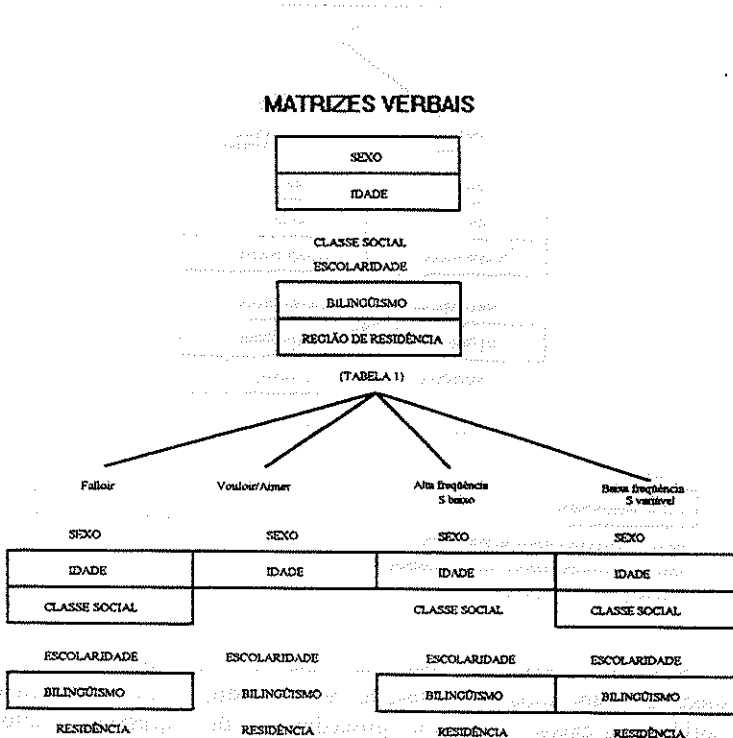
Fatores não selecionados: sexo, nível de escolaridade

A contribuição elevada da classe média-alta residente em Mont-Bleu comportou-se exatamente como se previa, confirmando que seus falantes usam mais subjuntivo do que o atestado, particularmente com verbos que o requerem prescritivamente, porém, que de outra forma não estariam estatisticamente associados ao subjuntivo. Um pouco mais surpreendente é o efeito da proficiência em inglês: os falantes com maior habilidade bilingüe são os que mais favorecem o uso do subjuntivo, exatamente o resultado oposto do que se poderia esperar para se concluir positivamente em favor de uma mudança gramatical induzida por contato. As análises das matrizes não-verbais não fornecem nenhuma evidência consistente que leve à convergência, muito menos que os falantes com maior habilidade bilingüe sejam seus agentes. Ao invés disso, o que encontramos é um efeito de classe consistente, sugerindo que o significado social do subjuntivo inclui os traços de prestígio associados às classes sociais mais altas.

5. Resumo e discussão

Para resumir, utilizaremos a Figura 1 para recapitular as tendências, por vezes contraditórias, exibidas nas Tabelas de 1 a 12 e para discutir sua relação com o estabelecimento da convergência.

Figura 1: Fatores selecionados como significantes de acordo com a probabilidade de o subjuntivo ser selecionado sob matrizes verbais e não-verbais, antes e depois de o fator lexical haver sido fatorado.



TABELAS 7 E 8

MATRIZES NÃO VERBAIS

SEXO
IDADE

CLASSE SOCIAL
ESCOLARIDADE

BILINGÜISMO

REGIÃO DE RESIDÊNCIA

(TABELA 10)

Alta frequência
3 baixo

Baixa frequência
3 variável

SEXO

SEXO

IDADE	IDADE
CLASSE SOCIAL	CLASSE SOCIAL

ESCOLARIDADE

ESCOLARIDADE

BILINGÜISMO	BILINGÜISMO
RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA

TABELA 11

TABELA 12

LEGENDA

FATOR SELECIONADO

BILINGÜISMO LEVA À PERDA DO SUBJUNTIVO

EXPOSIÇÃO REDUZIDA LEVA À AQUISIÇÃO REDUZIDA

SUBJUNTIVO REFLETE PRESTÍGIO

A parte superior do diagrama (abstraida das tabelas 1 e 10, respectivamente) mostra os fatores selecionados como significantes (inseridos nas caixas) através do procedimento de regressões múltiplas em relação à probabilidade de o modo subjuntivo ser selecionado em verbos encaixados sob matrizes verbais ou não-verbais "selecionadoras" de subjuntivo. A parte inferior mostra os fatores selecionados como significantes após a fatoração do efeito lexical através de análises separadas de cada classe de orações matrizes. Os cálculos podem ser interpretados à luz de três hipóteses centrais.

A primeira é que o nível individual de bilingüismo, ou grau de proficiência na língua dominante, é inversamente correlato ao domínio da gramática na língua minoritária, incluindo-se aqui as condições de uso do subjuntivo. Sob tal hipótese, o bilingüismo levaria a uma simplificação e/ou perda, um cenário que pode ser inferido das baixas probabilidades comparativas de uso do subjuntivo entre falantes de maior proficiência em inglês. A segunda hipótese é a de que exposição insuficiente ao francês, resultando de predominância de anglofones em ambientes locais ou mais amplos, reduziria o *input* necessário à aquisição e uso do subjuntivo, particularmente entre os falantes mais jovens. Isso pode resultar em "interferência" ou "reestruturação" de diversos tipos (Mougeon & Béniak, 1991). A evidência para isso adviria das baixas probabilidades de uso do subjuntivo entre os residentes das comunidades de Ontário e/ou entre falantes mais jovens. A terceira possibilidade é a de que o subjuntivo seja selecionado por refletir o prestígio (aberto ou velado) associado às classes sociais mais altas. Tradicionalmente infere-se o fator de prestígio quando a variante em questão é a preferida por falantes de classe média-alta; porém, pode-se também argumentar que esteja operando quando as tendências acima mencionadas se revertam, por exemplo, quando os mais jovens ou os falantes de maior habilidade bilingüe usam mais subjuntivo. A direção do efeito de contribuição de cada fator, quando perceptível, é indicada por sua fonte.

Pelo menos um fator relevante ao estabelecimento de uma mudança gramatical induzida por contato foi selecionado em cada uma das análises originais: grau de bilingüismo, no nível individual, no caso de matrizes verbais, e exposição ao inglês, no nível comunitário, no caso de matrizes não verbais, ambos na direção esperada. Contudo, embora os resultados de matrizes verbais sugiram que a proficiência em inglês seja negativamente correlata ao uso do subjuntivo, um resultado que pode ser interpretado como "perda", os fatores região de residência e idade não caminharam nessa direção. No caso das matrizes não-verbais, observou-se que as regiões de Quebec contribuem com probabilidades maiores ao uso do subjuntivo do que as regiões de Ontário - um resultado que pode ser interpretado como uma oportunidade reduzida de adquirir e usar o subjuntivo. Entretanto, essa mesma análise produziu resultados contra-intuitivos: a classe trabalhadora da região de Quebec mostrou uma propensão muito maior ao uso do subjuntivo do que sua equivalente média-alta. Esta usa o subjuntivo em taxas praticamente

idênticas às da classe trabalhadora, predominantemente anglofone, de West End em Ottawa. Embora o fator idade tenha sido retido em ambos os conjuntos de dados, encontramos um uso diminuto do subjuntivo entre os falantes mais jovens apenas em matrizes não-verbais, embora mínimo.

Como já foi detalhadamente explorado na seção 4.1, a distribuição desigual das matrizes, tanto em termos de frequência de ocorrência quanto em propensão para co-ocorrer com o subjuntivo, significa que a preferência de uso de uma determinada classe de verbos na oração principal por um sub-grupo da população deve resultar inevitavelmente em uma tendência global a favorecer ou a desfavorecer o subjuntivo, de acordo com a associação estatística entre a matriz e o modo.

Assim, fatoramos o efeito lexical rodando novamente os dados para cada classe de matriz separadamente, como se pode ver na parte inferior da Figura 1. É bastante interessante notar que a exposição ao inglês no nível comunitário - representada pelo fator de região de residência - só é significativa para o uso do subjuntivo em uma das seis análises: com frequência baixa e subjuntivo variável em matrizes não-verbais, os residentes das duas regiões de Quebec usam mais subjuntivo do que seus pares em Ontario (Tabela 10) - um resultado que sugere mudança induzida por contato. O comportamento do fator de bilingüismo individual, representado pela proficiência em inglês, embora selecionado como significativo em quatro das seis análises, apresenta resultados interpretáveis como convergência em apenas uma delas: com frequência alta e baixo uso de subjuntivo para matrizes verbais, os falantes com menos proficiência em inglês favoreciam mais o subjuntivo do que os demais falantes (cf. Tabela 7). Entretanto, essa tendência se reverte quando o caso é de frequência baixa e subjuntivo variável para matrizes não-verbais: falantes com maior proficiência em inglês demonstram uma propensão maior ao uso do subjuntivo (cf. Tabela 12). O mesmo ocorre com o fator idade que, embora selecionado como significativo em todas as análises, aponta na direção da perda em apenas uma delas: com frequência alta e subjuntivo alto para matrizes não-verbais, os falantes mais velhos favorecem mais o uso do subjuntivo do que os mais novos (Tabela 11). Por outro lado, com frequência baixa e subjuntivo variável, são os falantes mais jovens da amostragem que favorecem substancialmente o uso do subjuntivo (Tabela 12).

O único fator a ter um efeito significativo e consistente na escolha do modo subjuntivo é justamente aquele cujos resultados haviam sido obscurecidos pelo efeito lexical na análise original: a classe social. Em cinco de seis análises, encontramos a confirmação de indicações anteriores (Tabelas 8 e 12): a classe de "outros profissionais" favorece o uso do subjuntivo a despeito da natureza lexical da oração matriz. Esse resultado passa a fazer sentido à luz da natureza opaca da alternância subjuntivo/indicativo, detalhada em Poplack (1992), além de corresponder bem às atitudes dos falantes em relação ao uso desse modo. Na realidade, outros resultados da Figura 1 também confirmam o prestígio do subjuntivo, tais como o aumento de seu uso pelos mais jovens (Tabela 12) e pela maioria dos falantes bilingües (Tabelas 7 e 12).

5.1. A interpretação dos efeitos da distribuição desigual

Os resultados das Tabelas de 2 a 6 e da Tabela 9, nas quais se detalha a desigualdade de distribuição das matrizes, levantam a inevitável pergunta de como tais efeitos devam ser interpretados, isto é, **por que** mulheres usam mais verbos volitivos na matriz do que os homens, ou falantes mais velhos usam mais expressões temporais ou de finalidade do que os mais jovens? Não há um efeito consistente do fator idade na distribuição, portanto isso não se deve aos modismos do emprego de determinados itens lexicais. Há um efeito do fator de região de residência, porém é improvável que esse seja um fenômeno dialetológico, mesmo porque as regiões geograficamente mais próximas apresentam os resultados mais distintos. De fato, o efeito do fator residência coincide com o de classe (embora não sejam correspondentes), naquilo em que "outros profissionais" e residentes de bairros burgueses usam menos matrizes de frequência alta do que "mão-de-obra não qualificada" e residentes em bairros operários. Em vista das conhecidas diferenças comunicativas em relação aos atos de fala associados a muitas, mas não a todas, das matrizes envolvidas neste estudo, uma explicação pragmática seria a mais cabível. Entretanto, este é um problema muito difícil de ser investigado, requerendo um exame detalhado do conteúdo das entrevistas, da natureza da interação entre seus participantes e de outras considerações semelhantes. Com base nos dados disponíveis, limitamo-nos à observação de que, qualquer que seja a explicação final, ela não será relevante para a situação de contato ou para a situação de mudança induzida por contato.

5.2. A ortogonalidade dos fatores lingüísticos e extralingüísticos

A experiência mostra que fatores sociais e lingüísticos influenciando uma variável lingüística podem normalmente ser analisados separadamente. Em outras palavras, os resultados de fatores lingüísticos, num cálculo de regra variável que também leve em consideração os fatores sociais, diferirá muito pouco de um cálculo que considere qual falante produziu qual instância (*token*). Da mesma forma, os resultados dos fatores sociais não dependerão fortemente de os fatores lingüísticos terem ou não sido incluídos nos cálculos. Essa ortogonalidade entre o lingüístico e o social surge do fato de que, embora falantes distintos possam tratar uma variável diferentemente, os diversos contextos em que tal variável ocorrerá serão razoavelmente distribuídos de forma uniforme de falante para falante. Um falante pode apagar muitos -t e -d e outro apagá-los muito pouco, porém, a proporção de ambientes monomorfêmicos contra tempo passado no inglês, ou pré-vocálico contra pós-vocálico, não será diferente ao longo do tempo.

Contudo, nos dados apresentados aqui, a classe de matrizes não está se comportando como um fator lingüístico típico. Sua distribuição difere e muito de falante para falante, a ponto de levar o analista a se enganar, ao interpretar a análise original da regra variável, se tomada pela hipótese da ortogonalidade entre fatores lingüísticos e sociais. Quando um certo número de fatores sociais aparentemente significantes foi reanalisado, seus efeitos mostraram-se epifenomenais: deviam-se em grande parte ao fator "velado" da distribuição lexical. Uma vez que o tipo de "selecionador" de subjuntivo fora fatorado, analisando-se cada um separadamente, foi possível distinguir os efeitos reais dos aparentes. O perigo óbvio para quem analisa esse tipo de configuração de dados está em inferir o condicionamento extralingüístico (aqui, motivação externa para a variação no modo) onde não possa ser, de fato, comprovado, como é o caso da suposta mudança gramatical induzida por contato investigada neste artigo.

5.3. Implicações para uma teoria da convergência

Os resultados deste estudo também levantam algumas questões mais gerais acerca da mudança gramatical induzida por contato. Teoricamente, a visão de que qualquer coisa possa ser emprestada

parece bastante razoável. Na prática, parece que sempre que um aparente caso de convergência é investigado cientificamente, ele some...

Por que esses resultados são tão diferentes dos demais relatados por outros cientistas trabalhando com línguas em contato? Sugeriu-se que explicações internas para a mudança de línguas minoritárias originaram-se de desejos politicamente louváveis (embora intelectualmente suspeitos) de se defender a "integridade" das línguas minoritárias, geralmente de domínio dos desprivilegiados. Mougeon e Beniak observam que:

"in contrast and perhaps even in reaction to contrastivism, other linguists, for whom it is important that minority languages be presented in a favorable light so as to counter exaggerated claims that they are hybrid and that their speakers are inferior, have overemphasized internal explanations of minority-language change..." (Mougeon & Beniak, 1991:9).

Esta explicação certamente é remanescente da crítica de Lavandera (1978) a Laberge (1980) em que este reconhece a equivalência funcional das formas pronominais em francês *tu/vous* (tu/vós) e *on* (pronomine sujeito indefinido) em contextos indefinidos. Lavandera dispensou a "convicção social" que detectara sob o conselho de Laberge de não equacionar a perda de *on* à perda de uma distinção referencial, pedindo mais provas empíricas de que a perda não havia ocorrido e de que não tinha conseqüências cognitivas. (9) Talvez haja uma explicação mais objetiva. Em função dos estudos de Dorian, Mougeon & Beniak, Silva-Corvalán e o nosso serem todos quantitativos, há uma tendência de considerá-los diretamente comparáveis. Mas podemos estar comparando bananas com laranjas. Thomason & Kaufman (1988) distinguem dois mecanismos básicos para a mudança lingüística induzida por contato: empréstimo e interferência do substrato. Os autores consideram esses mecanismos fundamentais, já que algumas das restrições propostas sobre eles na literatura são de fato relevantes para apenas um dos mecanismos. O empréstimo se refere à "incorporação de traços estrangeiros à língua nativa de um determinado grupo pelos falantes dessa língua. A língua nativa é mantida, mas muda em função da adição dos traços incorporados." Na interferência do substrato, a mudança resulta de uma aquisição imperfeita da segunda língua (L2) e é iniciada

pelos falantes de transição (*shift*). A maior quantidade de interferência através da transição ocorrerá pela ausência de bilingüismo total. Nos contextos de restrição lingüística, transição e obsolescência estudados por esses pesquisadores, a mudança estrutural pode ser, de fato, inevitável, dado que a maioria dos informantes das amostras analisadas já são predominantemente falantes da língua majoritária ou "semi"-falantes. Embora façam parte de grupos étnicos minoritários, efetivamente tais falantes podem ter a língua minoritária como segunda língua (L2). De acordo com Thomason & Kaufman (ibid.: 41), uma outra diferença importante entre o empréstimo e a interferência, através da transição, é o tempo necessário para que ocorram amplas mudanças estruturais.

Todos os casos de empréstimo envolvendo grandes mudanças estruturais na língua que empresta têm uma história de várias centenas de anos de contato. Por outro lado, a transição pode ocorrer no espaço de uma geração. Como foi mencionado anteriormente, a situação de contato entre o francês e o inglês estudada aqui se qualifica como um caso de interferência estrutural de acordo com todos os critérios de Thomason & Kaufman (excetuando-se eventualmente o tempo de contato). No entanto, como os próprios autores observam (p. 35), a história sociolingüística dos falantes é o principal fator determinante dos resultados lingüísticos do contato.

Uma questão importante que fica para pesquisas futuras é se esses resultados, interessantes e valiosos por si sós, são necessariamente aplicáveis ao caso não-patológico: bilingües que se utilizam regularmente de duas línguas em suas comunidades de fala e que, nem individualmente, nem em grupo, estão passando por uma transição ou perda lingüística. Este é o caso das comunidades francófonas de Ottawa e Hull. Embora a maioria de nossos informantes pudessem ser classificados como "franco-Ontarianos" em virtude de residirem na mesma província que aqueles estudados por Mougéon & Beniak, sua situação de bilingüismo não poderia ser mais diferente. O francês é claramente a língua dominante em todos os domínios nas redondezas de Hull e Vanier, além de ser amplamente utilizada em Basse-Ville. Há um movimento contínuo de francófonos de Quebec para Ottawa, a capital federal do Canadá, onde a competência nativa em francês é um recurso altamente valorizado. Resumindo, a língua francesa não está perdendo espaço quer no nível demográfico, quer no lingüístico, na região de

Ottawa-Hull. Compará-los a falantes de comunidades onde a língua majoritária é proeminente é negligenciar essa distinção fundamental.

Qual é, então, a fonte de variação? Parece estarmos tomando a noção de "padrão" como dada, ou um estágio anterior da língua -uma situação muito idealizada. Assim, Laurier (1989) e Ocampo (1990) dividiram os contextos de seleção do subjuntivo em seus estudos como "obrigatório" e "opcional" com base apenas na prescrição. A partir daí passaram a averiguar quantas vezes o modo subjuntivo estava ausente em cada um dos contextos. O corpo acumulado de evidências mostra, sem sombra de dúvida, (Auger, 1988; Davies, 1979; Laurier, 1989; Poplack, 1992; Sand, 1981) que os contextos "obrigatórios" para o uso do subjuntivo no francês o são apenas no nome.

Aquele "estágio anterior" aludido pode bem ter sido consideravelmente mais semelhante à situação sincrônica do que se imagina, pelo menos no que diz respeito ao fenômeno de modo estudado aqui. Certamente uma inspeção mais próxima de registros históricos sobre a variação de modo no francês sugere que havia tanta variação em estágios anteriores quanto a observada atualmente. Isto tem se refletido nos esforços sobre-humanos dos prescritivistas da língua francesa em comprimirem toda a variação em algumas poucas classes e regras categóricas. Seus esforços se refletem nos discursos literário, intelectual e das classes sociais mais altas, mas não necessariamente no vernáculo dos falantes, quer no Canadá, quer em qualquer outro lugar onde o francês seja falado, outrora ou agora.

(Recebido em 21/01/1994)

NOTAS

* O projeto do qual esta pesquisa faz parte foi financiado pela Social Science and Humanities Research Council do Canadá. As audiências da XVI Conferência sobre Linguagem e Linguística de Minnesota, NWAVE XIX e da Universidade de Calgary ofereceram comentários úteis e desafiadores sobre esse artigo. Agradeço a Keltie Purcell por sua assistência na localização, codificação e manipulação dos dados em que se baseia essa análise.

1. A proficiência em inglês foi calculada com base nos resultados cumulativos de cada falante nas seguintes itens: 1) língua relatada como mais freqüentemente utilizada no geral; 2) língua relatada como mais

- freqüentemente utilizada com interlocutores específicos (pais, filhos, cônjuge, chefe, companheiros de trabalho, vizinhos e amigos); 3) habilidades em leitura, escrita, fala e compreensão em inglês; e, 4) proporção de escolaridade em que tanto o francês como o inglês foram o meio de instrução. Os falantes foram divididos em quatro níveis de proficiência em inglês de acordo com os resultados obtidos no Índice Cumulativo de Inglês (Cumulative English Index), variando de 0 a 829, que rotulamos arbitrariamente de "baixo", "médio-baixo", "médio-alto" e "alto". A intensidade de contato na região de residência foi medida pelo estatuto oficial do inglês no nível da província e pelo número de pessoas declaradas como falantes nativas do inglês no nível local, de acordo com relatórios do Censo.
2. Os códigos identificam o falante e o número da linha de seu enunciado no *Corpus* francês de Ottawa-Hull (Poplack, 1989). As letras maiúsculas (em negrito) se referem ao Subjuntivo, Condicional e (Presente do) Indicativo, respectivamente.
 3. Os cálculos das análises de regra variável foram feitos utilizando-se o Goldvarb, um aplicativo logístico de regressão para Macintosh (Rand & Sankoff, 1988). As regiões de residência identificadas com 'Q' localizam-se em Quebec, onde o francês é a língua majoritária e oficial.
 4. Este desequilíbrio não é resultante de poluição da amostragem, antes reflete o comportamento real do falante.
 5. As porcentagens apresentadas nesta e nas Tabelas de 4 a 6 não são porcentagens de uso do subjuntivo, mas porcentagens de uso de uma determinada classe de verbo. Quando a classe está altamente correlacionada ao subjuntivo, como indicado na Tabela 2, pode-se assumir que uma boa porcentagem de subjuntivo também foi usada.
 6. As Tabelas 7 e 8 mostram, cada uma, parte dos resultados de quatro análises distintas de regra variável.
 7. A distribuição das classes de matrizes nas outras duas regiões de residência corresponde às probabilidades associadas a elas.
 8. Não havia aplicação suficiente da classe de freqüência alta com subjuntivo baixo de forma a permitir uma análise estatística.
 9. Veja Sankoff (1988) para discussão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPEL, R. & P. MUYSKEN, (1987) *Language contact and bilingualism*. London: Edward Arnold.
- AUGER, J. (1988) L'emploi des modes indicatif et subjonctif dans le français parlé de la ville de Québec. In J. AUGER (Ed.), *Actes du colloque: tendances actuelles de la recherche sur la langue parlée*. Québec: Centre international de recherche sur le

- bilinguisme publication B-166. 27-34.
- DAVIES, S. (1979) *Patterns of usage of subjunctive in Montreal French: sociolinguistic survey*. B.A. Thesis, University of Reading.
- DORIAN, N. (1981) *Language death: The life cycle of a Scottish Gaelic dialect*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- ____ (Ed.). (1989). *Investigating absolutescence: Studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GARCÍA, M. E. & T. TERRELL (1977) Is the use of mood in Spanish subject to variable constraints? IN: M. HAGIWARA (Ed.), *Studies in Romance linguistics*. Rowley, Mass.: Newbury House. 214-226.
- GUMPERZ, J. J. & R. WILSON, (1971) Convergence and creolization: A case from the Indo-Aryan/Dravidian border in India. In A. DIL (Ed.) *Language in social groups: Essays by John J. Gumperz*. Stanford: Stanford University Press. 251-273.
- KLEIN, F. (1980) A quantitative study of syntactic and pragmatic indications of change in the Spanish of bilinguals in the U.S. IN: W. LABOV (Ed.), *Locating language in time and space*. New York: Academic Press. 69-82.
- LABERGE, S. (1980) The changing distribution of indefinite pronouns in discourse. IN: R. W. SHUY & A. SHNUKAL (Ed.), *Language use and the uses of language*. Washington, D.C.: Georgetown University Press. 76-87.
- LANTOLF, J. (1978) The variable constraints on mood in Puerto Rican Spanish. In M. SUÑER (Ed.), *Contemporary studies in Romance linguistics*. Washington, D.C.: Georgetown University Press. 193-217.
- LAURIER, M. (1989) Le subjonctif dans le parler franco-ontarien: un mode en voie de disparition? IN: R. MOUGEON & E. BÉNIAC (Ed.), *Le français canadien parlé hors Québec*. Québec: Les presses de l'Université Laval. 105-126.
- LAVANDERA, B. (1978) Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*. 7: 171-183.
- MOUGEON, R. & BÉNIAC, E. (1991) *Linguistic consequences of language contact and restriction*. Oxford: Oxford University Press.
- OCAMPO, F. (1990) El subjuntivo en tres generaciones de hablantes bilingües. IN: J. BERGEN (Ed.), *Spanish in the United States: Sociolinguistic issues*. Washington, D.C.: Georgetown University Press. 39-48.

- POPLACK, S. (1987) Contrasting patterns of code-switching in two communities. Paper presented at Fourth Nordic Symposium on Bilingualism. Uppsala.
- ____ (1989) The care and handling of a megacorpus: The Ottawa-Hull French Project. IN: R. FASOLD & D. SCHIFFRIN (Ed.), *Language change and variation*. Amsterdam: John Benjamins. 411-451.
- ____ (1992) The inherent variability of the French subjunctive. In C. LAUEFER & T. MORGAN (Ed.), *Theoretical studies in Romance linguistics*. Amsterdam: John Benjamins. 235-263.
- POPLACK, S., D. SANKOFF, & C. MILLER, (1988) The social correlates and linguistic processes of lexical borrowing and assimilation. *Linguistics* 26 (1): 47-104.
- SAND, J. (1981) Le subjonctif en français oral. IN: P. SPORE et alli (Ed.), *Actes du VIIIe. Congrès des Ramanistes Scandinaves*. Odense: Odense University Press. 303-313.
- SILVA-CORVALÁN, C. (1990) Current issues in studies of language contact. *Hispania* 73: 162-176.
- SILVA-CORVALÁN, C. (1991a) Cross-generational bilingualism: theoretical implications of language attrition. IN: T.HUEBNER & C.A.FERGUSON (Ed.), *Crosscurrents in second language acquisition and linguistic theories*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 325-345.
- ____ (1991b) Spanish language attrition in a contact situation with English. IN: H.W. SELIGER & R.M. VAGO (Ed.), *First Language Attrition*. Cambridge: Cambridge University Press. 151-171.
- THOMASON, S.G. & T. KAUFMAN, (1988) *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press.
- TORRES, L. (1989) Mood selection among New York Puerto Ricans. *International Journal of the Sociology of Language* 79: 67-77.
- WEINREICH, U. (1953) *Languages in contact*. Reprinted in 1968. The Hague: Mouton.

(Traduzido por Ruth E. Lopes Moino)